

Eleições 2022

Jornal Nacional

Em sabatina, Lula admite corrupção na Petrobras e se dissocia de gestão Dilma

— Ex-presidente enaltece o candidato a vice, Geraldo Alckmin, diz que ex-tucano já foi aceito pelo PT e novamente evita criticar ditaduras de esquerda latino-americanas

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT à Presidência da República, admitiu, em sabatina ao *Jornal Nacional*, da TV Globo, a existência de corrupção na Petrobras durante seu governo. “Você não pode dizer que não houve corrupção se as pessoas confessaram (os crimes)”, disse o ex-presidente, que foi confrontado pelos desvios de recursos públicos na estatal.

Ele, no entanto, atacou a delação premiada. “As pessoas confessaram e, por conta das pessoas confessarem, ficaram ricas por confessar”, afirmou. O petista se esquivou de anunciar novas medidas para impedir a repetição de escândalos de corrupção caso vença a eleição. Ele afirmou ainda que “a Lava Jato ultrapassou limite da investigação e entrou no limite da política”. “O objetivo era tentar condenar o Lula”, disse o petista, usando a terceira pessoa.

Condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex do Guarujá (SP), Lula foi preso em abril de 2018 e passou a cumprir pena em cela especial na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba. Foi solto um ano e sete meses depois, beneficiado por decisão do Supremo Tribunal Federal que derrubou a possibilidade de execução de pena após sentenciado em segunda instância.

Lula também não se comprometeu a manter a escolha do procurador-geral da República por meio de lista triplíce eleita pelos



Lula em entrevista no 'Jornal Nacional', da TV Globo; Bolsonaro é refém do Congresso, disse petista

procuradores. Disse que só vai decidir isso depois da eleição. “Quero que eles fiquem com uma pulguinha atrás da orelha.”

Com a fala acelerada, conseguiu estender suas repostas sem permitir que os entrevistadores William Bonner e Renata Vasconcellos o interrompessem. Confrontado com números da economia na gestão de Dilma Rousseff (PT), o petista buscou se dissociar da ex-presidente. Ele criticou a desoneração fiscal. “Dilma fez um primeiro mandato extraordinário. Mesmo assim, ela se endividou para manter as políticas sociais e desemprego”, disse.

“Cometeu equívoco na questão da gasolina. Ela tinha

uma dupla dinâmica contra ela. O Eduardo (Cunha) e o Aécio (Neves), que trabalharam para que não fizesse mudanças. Se um dia deixar a Globo, Bonner, você vai aprender que rei morto, rei posto.”

‘CIÚMES’. Na entrevista, o petista evitou ainda se comprometer com medidas econômicas. Apoiou-se no vice de sua chapa, Geraldo Alckmin (PSB), para mostrar crédito na área econômica, prometendo “credibilidade, estabilidade e previsibilidade”.

“Estou até com ciúmes do Alckmin. O Alckmin já foi até aceito pelo PT. Eu tenho 100% de confiança que a experiência

dele como governador de São Paulo vai me ajudar a consertar esse país”, disse Lula, ao responder sobre a polarização política e a responsabilidade do PT na criação desse clima.

“Felizes eram o Brasil e a democracia brasileira quando a polarização deste país era entre PT e PSDB. A gente era adversário político, trocava farras. Quando a gente se encontrava em restaurante, eu não tinha problema em tomar uma cerveja com o Fernando Henrique Cardoso, com o José Serra ou com Alckmin. A gente não se tratava como inimigo.”

DITADURAS. Questionado sobre o fato de adversários o acu-

sarem de não condenar ditaduras latino-americanas de esquerda e se isso não poderia ser visto como uma contradição para um democrata, Lula foi evasivo e evitou criticar governos como os da Venezuela e Nicarágua. “Precisamos respeitar a autodeterminação dos povos. Cada país cuida do seu nariz”, respondeu. “O Brasil vai ser amigo de todo mundo.”

Lula ainda tratou do orçamento secreto e disse que ele é pior que o mensalão, o escândalo de compra de votos no Congresso para aprovar medidas favoráveis ao governo du-

Operação

Para petista, Lava Jato ultrapassou limite da investigação e entrou no limite da política'

rante seu primeiro mandato. Foi o momento em criticou o presidente Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição.

“Acabou o presidencialismo. Bolsonaro não manda nada, é refém do Congresso. Uma das tarefas minhas e do Alckmin é acabar com essa história de semipresidencialismo. O Bolsonaro parece o bo-bo da corte.” Pela governabilidade, disse que pretende conversar com os partidos, sem exceção. “O Centrão não é partido político. Quem ganhar vai ter de conversar com o Congresso.”

● LEVY TELES, MARCELO GODOY E RAYANDERSON GUERRA

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 6